



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.31, e65893, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n31e65893

Resenha

Escrever margens, apontar travessias: um romance de Boaventura Cardoso

João Victor da Matta Machado

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: jvsanchesmm@gmail.com

Resenha de: CARDOSO, Boaventura. *Margens e Travessias*. São Paulo: Kapulana, 2023.

*Os rios, afinal, guardavam memórias
de acontecimentos, de fatos, de tragédias e vitórias*

Boaventura Cardoso

Em 2023 a Editora Kapulana, que tem divulgado no Brasil títulos clássicos e atuais das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, editou o último romance de Boaventura Cardoso, autor angolano nascido em 1944. Trata-se de *Margens e Travessias*, livro publicado pela primeira vez em 2021 pela editora portuguesa Guerra & Paz. *Margens e Travessias* venceu a IV Edição do Prêmio de Literatura de Angola/Camões, adicionando mais um reconhecimento à obra de Boaventura Cardoso que já havia recebido o Prêmio Nacional de Cultura e Artes pelo seu romance Mãe materno mar, em 2001. O livro, que faz parte da série “Vozes da África” da Editora Kapulana, conta, na última parte do livro, em sua edição brasileira, com os comentários de estudiosos da obra, sendo eles: Carmen Tindó (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Rita Chaves (Universidade de São Paulo), Marco Lucchesi (Escritor, ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras e Presidente da Biblioteca Nacional), Tania Macêdo (Universidade de São Paulo), Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC – Minas) e Jurema Oliveira (UFES).

Editor-chefe

Carmen Lucia
Tindó Ribeiro Secco

Editores Associados

Marlon Barbosa
Vanessa Teixeira

Como citar:

MACHADO, João
Victor da Matta. Escrever
margens, apontar
travessias: um romance
de Boaventura Cardoso.
Revista Mulemba, v.16,
n.31, e65893, 2024. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2024.
v16n31e65893](https://doi.org/10.35520/mulemba.2024.v16n31e65893)

Boaventura Cardoso é licenciado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Tomaz de Aquino, de Roma, e, para além dos já citados prêmios literários, é também detentor da Ordem do Mérito Cultural na classe Comendador, concedida em 2006 pelo Presidente da República Federativa do Brasil. É membro honorário da Academia Palmense de Letras (Tocantins – Brasil). Escritor e diplomata de carreira, conta com uma vasta obra literária cujos títulos são: *Dizanga dya Muenhu* (1977), *O fogo e a fala* (1980), *A morte do Velho Kipacaça* (1987), *O signo do fogo* (1992), *Maio, mês de Maria* (1997), *Mãe, Materno Mar* (2001) e *Noites de Vigília* (2012). Todas essas informações estão contidas nesta atual edição da Kapulana. Essa resenha pretende recuperar não apenas alguns traços literários instituídos pela narrativa como também as vozes que se debruçam sobre a obra articulando camadas de leitura que nos ajudam a pensar a Literatura Angolana.

Os olhares da crítica que atravessam o romance fazem morada nas suas margens e dizem sobre e com a obra de Boaventura Cardoso. São olhares que indicam caminhos que são abertos pelo autor através da história e dos espaços do território angolano representados em seu livro. Os caminhos indicados nesses olhares sobre a narrativa de Cardoso nos ajudam a perceber a complexa rede de enunciações que compõem o romance em uma estrutura ao mesmo tempo fragmentada, intercalada e sobreposta. A própria orelha do livro se faz como margem possível para o diálogo. Nela lemos: “o tecido do romance conta com vários narradores que se expressam por troca de mensagens e cartas, relatos de uma mãe à espera de seu filho, e as lembranças e conversas entre dois mais-velhos, o soba Kitekulo e Manimaza, filho das águas”. O texto/tecido apresentado na orelha já nos abre para a natureza estrutural da narrativa que não se fecha em um aspecto linear, mas rizomático (Deleuze; Guatarri, 2011, p. 22), como que também assumindo a forma dos rios e afluentes que correm em suas páginas.

Como nos aponta Carmen Tindó Secco, uma das leitoras que atravessam o romance, o livro se constrói como “um romance histórico polifônico, não factual, em que a geografia também protagoniza a construção romanesca” (2023, p. 445). O trabalho com a linguagem apontado por Tindó nos fala da elaboração de uma geografia que também transmite para nós leitores uma história fragmentada e fragmentadora que não se fixa necessariamente na espacialidade em que se encerra o romance. Me refiro aqui à maneira como o espaço no romance extrapola o elemento paisagístico e passa a comunicar e compor a própria estrutura romanesca.

Já me referi à maneira como a narrativa flui como os afluentes de um rio, se encontrando, dividindo e capilarizando para sem necessariamente revelar seu tronco central. Como defende Sandra Sousa em seu texto, “O olhar eco-crítico de Boaventura Cardoso em *Margens e Travessias*”: “Boaventura Cardoso anula fronteiras não apenas entre um “eu” e “outro” humanos, desconstruindo, por exemplo, o binómio colonizador-colonizado, como também aponta para o mundo espiritual angolano que se corporiza no mundo animal, e, num passo mais à frente, funde humano e

natureza.” (2023, p. 9). Não se trata apenas da personificação do espaço. A quebra do que poderia ser uma relação hierárquica nas temporalidades da narrativa passam a apontar para uma quebra na relação hierárquica entre o homem e seu meio.

Chamo atenção para a forma como a narrativa é capaz de intercalar cartas, testemunhos, fluxos de consciência e outros modos de narrar de maneira a transitar entre diversos gêneros discursivos capazes de imprimir a multiplicidade enunciativa que a literatura é capaz de abarcar. Assim como reconhece a professora Maria Nazareth Soares Fonseca, trata-se de um romance “muito bem construído. História e estórias deslizam pela trama, acompanhando cursos de rios e fluxos de memória que emergem de tempos e espaços diversos” (2023, p. 447). O tecido desse texto, tratado por seus leitores em sua natureza cronotópica, se desenha fazendo coexistir na narrativa, tempos, espaços, vozes e enunciados múltiplos. Assim, por mais que se distancie de uma totalidade na forma como é apreendido no conceito elaborado por Mikhail Bakhtin (2018), o cronotopo se faz na narrativa pela relação de comunicabilidade entre o tempo e o espaço de forma heterogênea. Essa multiplicidade estrutural está evidenciada no título, *Margens e Travessias* que, para além do significado geográfico que evoca, também apontam para os limites e os atravessamentos que o próprio gênero narrativo possibilita e abrange.

O caráter plural dessas margens se faz na dobra do gênero e as travessias se realizam não só entre os elementos estruturais da própria narrativa, mas também se estendem como possibilidade intertextual que o elemento extraliterário evoca. Nas palavras da professora Rita Chaves: “a narrativa propõe uma rica interlocução com os rios de outros livros, lembrando-nos dos laços com Kuanza de José Luandino Vieira e o Urucáia de Guimarães Rosa, duas dentre tantas referências no repertório de leitura de Boaventura Cardoso” (2023, p. 446). Talvez para ilustrar ao menos uma das travessias possíveis, para além das margens do próprio livro, possamos trazer ao exercício de intertexto a narrativa de Guimarães Rosa. Reconhecer as citações presentes na narrativa de Cardoso significa valorizar o trabalho de recorte e colagem que a elaboração dessa narrativa implica. O que se realiza é um processo de acomodação das cenas capazes de ressoar em nós, leitores, a cadeia de imagens que nos faz reconhecer os caminhos literários transitados no percurso da narrativa (Compagnon, 1996, p. 22). De um único significante somos lançados ao horizonte possível que a palavra escrita comporta – travessia – do sertão, de Angola, do mundo, em uma cadeia de significados em torno do campo semântico de resistências e sobrevivências. As verdadeiras atravessadas no sertão pelo bando de Riobaldo e Diadorim, assim como os rios transitados na narrativa de Cardoso, abrem os caminhos para uma reflexão de caráter histórico e filosófico que a experiência colonial impôs à vida dos povos que passaram pela experiência da resistência e sobrevivência frente a diversos tempos de opressão.

Com isso quero dizer que encarar essa narrativa significa também para nós leitores a necessidade atenta de perceber as possibilidades de atravessamentos a serem realizados pelo nosso olhar, ou em nós mesmos, ao expandirmos a perspectiva muitas vezes limitante que uma concepção rígida de margem pode nos impor. Essa margem não pode ser impositiva de um limite, mas sim um horizonte de possibilidades de leitura que se abre a partir de nossa própria bagagem literária. Esse exercício de leitura acaba nos conduzindo a perceber a natureza oralizada e oralizante que a narrativa propõe. Nas palavras de Tania Macêdo, a narrativa se faz a partir de “uma linguagem peculiar, em que a oralidade deixa suas marcas muito mais na criação linguística do que como mimese do falar cotidiano dos angolanos” (2023, p. 447), indicando uma dimensão histórica e mítica de Angola pela forma como seus personagens se inserem em acontecimentos históricos ficcionalizados por Boaventura Cardoso.

Os afluentes do Ngola eram as veias-vasos por onde vazavam suas águas vindas das mais distantes paragens, gentes e povos. Eram vasos-comunicantes, por isso solidários entre eles. Um problema ou situação que ocorresse em cada um deles vinha desaguar no Ngola. (...) O Ngola sofria de muita dor e luto e refletia o pranto dos povos e gentes por onde passava. Quem olhasse bem via logo que ele tinha perdido muita da sua vivacidade. (Cardoso, 2023, p. 20)

Essa cena inaugural do romance, em que o primeiro rio é apresentado e descrito, serve de indício para percebermos a pluralidade de sentidos empregados nas cenas construídas na narrativa de Boaventura Cardoso. Nessa breve cena vemos como o espaço pode se transmutar em monumento, mito e personagem ao carregar ao mesmo tempo a estrutura do próprio romance, o nome do país e refletir o sofrimento de seu povo por toda história de colonização e guerras. A polissemia que assume a representação das camadas possíveis dessa personificação é a marca do trabalho com a linguagem presente em *Margens e Travessias* que indica um exercício de elaboração das camadas de significado possíveis que uma cena literária pode carregar.

O trabalho de ficcionalização da história e do espaço promovido pela narrativa de Cardoso intercala aspectos da oralidade em seu aspecto formal, desvelando uma experiência aparentemente particular das muitas personagens do romance, mas sempre indicativas de elementos pertinentes à coletividade diversa que faz o território angolano. O convite que fica da leitura volta-se a nós que a encaramos. Nossas próprias margens, ao serem sobrepostas às margens do texto, se expandem, ou ainda, exigem a expansão de nosso próprio entendimento da relação que se faz entre ficção e história. Os rios de Angola atravessados pelas personagens que dizem da história não só daquele espaço, mas da história do mundo que esse espaço comporta. O sertão, os rios, veredas percorridas no sujeito e no mundo ao mesmo tempo. O sertão é o mundo, os afluentes do Kwanza também, e as histórias que os atravessam dizem respeito a mais do que as personagens que narram suas experiências.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

CARDOSO, Boaventura. *Margens e Travessias*. São Paulo: Kapulana, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: vol. I*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

SOUSA, Sandra. O olhar ecocrítico de Boaventura Cardoso em *Margens e Travessias*. *Gragoatá*, Niterói, v. 28, n. 61, mai-ago, 2023.